

As Dimensões, a Evolução e os Desafios da SBC

Flávio Rech Wagner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Instituto de Informática

***Resumo.** Este artigo inicia-se com uma apresentação daquelas que são, a meu ver, as três principais dimensões de atuação da SBC – a da divulgação científica, a educacional e a política. Na seqüência, é analisada a evolução da sociedade nos períodos de 1993 a 1999 e de 1999 a 2003, este último correspondendo a minhas gestões na Presidência. Finalmente, são discutidos os principais desafios que se colocam a frente da SBC nos próximos anos.*

1. Introdução

O convite para a redação deste artigo-depoimento foi devido a minha atuação como Presidente da Sociedade Brasileira de Computação (SBC) por dois mandatos consecutivos, de julho de 1999 a julho de 2001 e de julho de 2001 a julho de 2003. Mas minha atuação na SBC se estende por longo período anterior a estes mandatos, conforme detalhado adiante na Seção 2.

Em função desta longa e intensa convivência com as diversas instâncias e atividades da SBC, este meu artigo vai além de um depoimento sobre meu período como Presidente da SBC. Ele inicia, na Seção 3, com uma descrição e avaliação daquelas que, na minha visão, têm sido as três principais dimensões de atuação da sociedade – a da divulgação científica, a educacional e a política.

Como participante ativo e interessado da vida da SBC, pude observar de muito perto e colaborar com a evolução da sociedade em seus últimos vinte anos. As mudanças que a SBC experimentou neste período foram notáveis e indicam um potencial de evolução futura ainda maior. Na Seção 4, eu analiso especialmente a evolução ocorrida no período de 1993 a 1999, quando exerci outros cargos na Diretoria da sociedade. Depois, na Seção 5, me detenho na evolução ocorrida ao longo de meus dois mandatos na Presidência. Essencialmente, creio que a SBC conseguiu, neste período analisado de dez anos, um enorme avanço em termos de institucionalização, tanto na organização interna como no seu relacionamento com os demais atores da sociedade brasileira, e em termos de capilarização, com uma grande expansão geográfica e temática, permitindo alcançar com suas instâncias e atividades uma parcela expressiva da comunidade universitária, científica e tecnológica da área.

Mas, certamente, a SBC ainda tem desafios a sua frente, que eu discuto na Seção 6. Em particular, a SBC deve avançar mais na sua relação institucionalizada com a sociedade e deve decidir se quer também avançar em outras dimensões que até agora não foram adequadamente cobertas em suas atividades, em particular no relacionamento com

empresas e com profissionais atuantes no mercado, em função da expectativa de evolução da indústria nacional de base tecnológica.

2. Minha atuação na SBC

Além da Presidência, nas gestões 1999-2001 e 2001-2003, exerci mandatos em outras funções da Diretoria da SBC em quatro outras gestões: Segundo Secretário (correspondente ao atual Diretor de Educação), na gestão de Daniel Menascé, entre 1987 e 1989; Secretário-Geral Adjunto, na primeira gestão de Ricardo Reis, entre 1993 e 1995; Secretário-Geral (correspondente ao atual Diretor de Eventos e Comissões Especiais), na segunda gestão de Ricardo Reis, entre 1995 e 1997; e Vice-Presidente, na gestão de Silvio Meira, entre 1997 e 1999. Fui conselheiro suplente entre 1989 e 1991 e conselheiro titular entre 2003 e 2007. Fui ainda membro da Comissão de Educação na gestão 2003-2005.

Cito ainda minha atuação como coordenador geral do Congresso da SBC de 1995, realizado em Canela (RS), o primeiro a chegar ao número de 2000 participantes, e como coordenador do comitê de programa do SEMISH, em duas oportunidades (1992 e 2007), e do SBCCI, em uma oportunidade (2004). Fui também membro do *Steering Committee* da Comissão Especial de Concepção de Circuitos Integrados e participei de um número muito grande de comitês de programa de eventos diversos promovidos pela SBC (SEMISH, WEI, SBCCI, JAI, WPerformance, WTR). Como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Computação da UFRGS, tive a oportunidade de participar do Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação entre 1997 e 1998, no período imediatamente anterior à formalização da vinculação deste fórum à SBC, e posteriormente entre 2005 e 2006. Para concluir, devo citar minha atuação como representante da SBC no CATI (comitê gestor do CT-Info, fundo setorial de Informática), entre 2002 e 2003, no Fórum de P&D do CPqD, entre 2004 e 2005, e no CGI.br (Comitê Gestor da Internet), com mandato em vigor de 2008 a 2010.

Na realidade, minha longa história na SBC começou muito cedo, pois, ainda como jovem professor da UFRGS que recém tinha concluído seu mestrado, em 1978, fui sócio fundador da sociedade. Ao longo dos trinta anos da SBC, que coincidem com meus trinta anos de atuação profissional como professor e pesquisador, criei uma vinculação muito forte com a sociedade, que considero como minha segunda casa, ao lado da UFRGS. Desde que retornei de meu doutorado no exterior, no final de 1983, só deixei de comparecer a dois congressos anuais da SBC, em função de estadias no exterior.

3. As dimensões da SBC

A SBC, como estabelece o Artigo 1º de seu Estatuto, tem por missão fundamental a defesa do desenvolvimento científico e tecnológico do país na área da Computação. Como sociedade científica, formada essencialmente por professores, pesquisadores e estudantes de nível superior, a SBC procura cumprir com sua missão através de uma forte atuação

política e da organização de atividades que privilegiam a divulgação científica¹ e o apoio à formação de recursos humanos.

3.1 A dimensão da divulgação científica e tecnológica

Uma das origens da SBC está no SEMISH, originalmente criado como evento interno no Programa de Pós-Graduação em Computação na UFRGS, em 1974, e do qual eu participei pela primeira vez como estudante já em 1975, mas que rapidamente ocupou um espaço privilegiado na disseminação das pesquisas científicas e tecnológicas que se realizavam no país. Ao longo da década de 80, diversos outros simpósios foram criados, vinculados a diferentes Comissões Especiais da SBC. Esta evolução foi acentuada nas duas últimas décadas, ao ponto em que, hoje, a SBC promove mais de trinta simpósios científicos de âmbito nacional, muitos deles constituindo-se em aglomerados que reúnem diversos eventos satélites. A estes simpósios soma-se obviamente o Congresso da SBC, que também tem uma dimensão científica, embora seus aspectos político e educacional sejam hoje mais fortes.

O conjunto de eventos da SBC atrai um público total anual de mais de 10.000 participantes, o que precisa ser enormemente valorizado. Afora os eventos organizados nos Estados Unidos pela ACM e pela IEEE Computer Society, são raros os países, mesmo de Primeiro Mundo, que possuem sociedades científicas na área da Computação que oferecem um programa tão diversificado de eventos científicos e que atraem um público tão numeroso. No Brasil, embora sociedades científicas de outras áreas promovam eventos de grande porte, é possível que nenhuma delas consiga atrair um público total tão numeroso. É também muito importante citar o fato de que parte dos simpósios da SBC atingiu nível internacional, com realização inteiramente em língua inglesa, comitês de programa internacionais e publicação dos anais por editoras internacionais.

Se, pelo lado dos eventos científicos, a SBC tem tido enorme sucesso, o mesmo não pode se afirmar da publicação de revistas científicas. Durante muito tempo, desde sua criação, a SBC publicou apenas a Revista Brasileira de Computação, em língua portuguesa, e, mesmo sendo esta a revista única da sociedade, a comunidade não conseguiu garantir a continuidade de sua edição, interrompida mais de uma vez. A partir de 1995, num esforço notável da Profa. Claudia Bauzer Medeiros, a revista foi retomada e assumiu caráter internacional, com nome de *Journal of the Brazilian Computer Society*, com edição apenas em língua inglesa e comissão editorial internacional. Mais uma vez, a comunidade não conseguiu manter a edição continuada da revista nos seus 13 anos de existência, situação que prejudicou sua indexação internacional.

Também em esforços de pesquisadores ou de pequenos grupos, a SBC edita três outras revistas científicas: desde o final da década de 90 é editada a Revista Brasileira de Informática na Educação, uma iniciativa da Comissão Especial de Informática na Educação; desde o início dos anos 2000, a SBC edita a Revista Eletrônica de Iniciação Científica, voltada à divulgação de trabalhos de alunos de graduação; e desde o ano 2005 a

¹ A SBC, como tal, não promove diretamente o desenvolvimento científico e tecnológico, o que é atribuição de universidades, empresas e centros de pesquisa. Por isso, prefiro classificar estas atividades da SBC sob o rótulo de “divulgação científica e tecnológica”.

SBC, em parceria com a SBMICRO, edita o *Journal of Integrated Circuits and Systems*, em língua inglesa, ainda em processo de consolidação.

Se na organização de eventos a SBC tem tido uma atuação exemplar, inclusive em termos internacionais, na edição de periódicos científicos a atuação tem sido, portanto, tímida e inconstante. Num momento em que a avaliação da produção científica de programas de pós-graduação (pela CAPES) e de pesquisadores (pelo CNPq) é fortemente baseada nos artigos publicados em periódicos indexados de nível internacional, a área de Computação é fortemente prejudicada pela sua timidez na edição de periódicos, mesmo que as agências de fomento tenham reconhecido a particularidade da área, onde a publicação de trabalhos em anais de conferências qualificadas é bastante importante, mesmo em nível internacional.

3.2 A dimensão educacional

A SBC, formada em sua essência por uma comunidade de professores e estudantes de universidades, não poderia deixar de dar uma grande atenção à dimensão educacional. Já no seu Estatuto de fundação, a SBC previa a existência de uma Comissão de Assuntos de Ensino, posteriormente transformada na atual Comissão de Educação. Mas esta Comissão começou realmente a ter um papel ativo apenas a partir da década de 90, e especialmente a partir da criação do WEI (Workshop de Ensino em Informática, posteriormente renomeado para Workshop de Ensino em Computação) em 1993, pelo qual a Comissão de Educação é a instância responsável. A criação do WEI foi uma das conseqüências das reuniões de coordenadores de cursos de graduação, que começaram a se realizar por ocasião do congresso anual da SBC a partir de 1986, em Recife. A atração de um público crescente de coordenadores de cursos para o congresso da SBC, em função do WEI, foi um dos principais fatores de crescimento da sociedade ao longo da década de 90. Este novo público foi também o grande motivador para a idealização do Curso de Qualidade, em 1999, já iniciado com enorme sucesso desde sua primeira edição.

Além da organização do WEI e do Curso de Qualidade, a Comissão de Educação tem sob sua responsabilidade uma terceira ação de grande relevância, que é a manutenção do Currículo de Referência da SBC. Esta ação tem seus primórdios em 1987, quando assumi a Segunda Secretaria da SBC (encarregada de assuntos de ensino) na gestão de Daniel Menascé. À época, poucos eram os cursos de graduação na área no país. Na ausência de um “currículo mínimo” para a área de Computação, ao contrário do que ocorria em outras áreas cujas profissões eram regulamentadas, a comunidade sentiu a necessidade de discutir os currículos existentes em seus cursos. A primeira ação concreta foi a coleta de informações sobre os currículos existentes, o que deu origem a um “catálogo de cursos de graduação”. Decidiu-se, então, procurar definir um currículo que representasse um denominador comum entre os currículos dos cursos existentes. Foi já neste momento que cunhou-se a expressão “currículo de referência”, para fugir à conotação de “currículo mínimo obrigatório”, imposto pelo MEC para diversas outras áreas. Como evolução natural deste trabalho, em 1991 a SBC lançava seu primeiro Currículo de Referência formalmente aprovado, servindo como orientação para a criação de novos cursos. Desde então, o Currículo de Referência passou por diversas revisões e extensões, representando uma notável contribuição da SBC para a qualificação do ensino de graduação na área no país.

Por seu interesse na discussão de currículos, e especialmente a partir da criação do WEI e da atuação organizada da Comissão de Educação, a SBC envolveu-se fortemente com a questão da avaliação e autorização de funcionamento de cursos de graduação, atividade desenvolvida no MEC. Em alguns momentos, a participação de membros ativos da comunidade da SBC junto aos órgãos do MEC (SESu e posteriormente INEP), inclusive em funções de coordenação, trouxe dificuldades para que a SBC conseguisse distinguir suas posições políticas das posições dos órgãos avaliadores. A criação do Curso de Qualidade, em 1999, foi uma decorrência natural deste interesse da comunidade pelos métodos e critérios de avaliação de cursos e, no contexto deste evento, especialmente em suas primeiras edições, esta ambigüidade entre posições da SBC e posições do MEC esteve muito latente.

Outra conquista importante da SBC foi a institucionalização do Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação, criado na metade da década de 90, como uma instância da SBC, vinculada a sua Comissão de Educação, o que se deu em 1999. Este fórum tem tido uma atuação constante e intensa na discussão dos critérios de avaliação dos programas de pós-graduação.

Na realidade, a SBC promove um grande número de outras atividades bastante relacionadas com a dimensão educacional. As Jornadas de Atualização em Informática, os mini-cursos e tutoriais apresentados nos muitos simpósios e as Escolas Regionais são alguns exemplos de atividades diretamente relacionadas com a formação de estudantes. Além disto, há vários anos a SBC mantém uma parceria com a Editora Campus, visando a edição de livros didáticos relacionados com temas cobertos pelo Currículo de Referência.

Analisada no seu conjunto, a ação da SBC na dimensão educacional é intensa, abrangente e qualificada, cobrindo aspectos políticos, curriculares e de oferecimento de cursos. A existência da Comissão de Educação garante a devida articulação entre estes múltiplos aspectos e a necessária atenção prioritária que eles merecem no contexto da SBC.

3.3. A dimensão política

Mesmo sendo uma sociedade científica, a SBC já nasceu sob o signo da atuação política. Na década de 70, quando o país ainda era completamente servido por equipamentos computacionais importados, o SECOMU era o local onde se discutiam as condições para o surgimento de uma indústria nacional de Informática. Da união desta vertente política, no SECOMU, com a vertente científica, na época representada pelo SEMISH, surgiu a SBC. Ao longo de seus trinta anos de vida, a SBC manteve fortes estas duas dimensões de atuação, reforçadas mais tarde pela dimensão educacional.

Para que sua atuação política seja eficaz e atenda as posições de uma comunidade acadêmica que tem múltiplos interesses (na ciência, na tecnologia, na formação de recursos humanos e na política industrial), a SBC precisa se relacionar com os Poderes Executivo, através de múltiplos ministérios e órgãos governamentais, Legislativo e Judiciário, assim como com outras entidades da sociedade civil.

Obviamente, o MCT e o MEC são os ministérios com os quais a relação da SBC é mais intensa. Embora contatos de nível ministerial tornem-se essenciais em momentos onde questões de grande relevância estão em discussão, o usual é o contato com órgãos

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

vinculados a estes ministérios, como CNPq, FINEP e SEPIN, no MCT, e CAPES, SESu e INEP, no MEC. Mas a SBC também precisa atuar junto a outros ministérios, sendo exemplo significativo a forte ação junto ao Ministério das Comunicações, quando o Brasil estava formulando o seu modelo de pesquisa na área da TV digital, em 2003. Em todos estes casos, a ação política da SBC se dá pelo contato entre membros de sua Diretoria com os dirigentes governamentais, sempre defendendo posições que são definidas na própria Diretoria e no Conselho da sociedade.

Em alguns poucos casos, a SBC tem obtido uma representação institucional em órgãos governamentais. Este é o caso, atualmente, do CGI.br (Comitê Gestor da Internet), onde a SBC tem conseguido eleger os nomes por ela indicados para a representação da comunidade científica e tecnológica. A SBC também já teve, no mandato 2002-2003, uma representação no CATI (comitê gestor do CT-Info, o fundo setorial de Informática) e espera obter novamente, a partir de 2008, uma nova representação naquele importante comitê, que decide sobre a aplicação de recursos do fundo setorial na pesquisa científica e tecnológica. A SBC tem ainda uma representação permanente no Comitê Gestor da ICP-Brasil, o órgão que administra a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira.

A atuação da SBC junto aos Poderes Legislativo e Judiciário tem estado vinculada fortemente à discussão da regulamentação da profissão e à defesa do modelo de liberdade do exercício da profissão preconizado pela SBC. Mas, por exemplo, a SBC também já atuou junto ao TSE na avaliação do modelo de urna eletrônica adotado no país, por solicitação daquele tribunal.

A ação política da SBC certamente mudou muito ao longo de seus trinta anos de vida. De uma ação pontual, exercida por alguns membros notáveis da comunidade acadêmica, a SBC conseguiu passar a uma ação que hoje é institucional, tanto interna como externamente. Internamente, a SBC tem discutido questões políticas relevantes em seus múltiplos fóruns e eventos, e são estas as posições que a SBC leva a todos os seus interlocutores no governo e na sociedade. Externamente, a SBC fortaleceu sua imagem perante os diversos ministérios, órgãos de governo e entidades da sociedade. Hoje, ela é chamada a se manifestar, e suas posições são ouvidas, não mais apenas porque alguns membros notáveis da comunidade são conhecidos junto aos interlocutores, mas porque, além disto (e estas relações pessoais continuam sendo fundamentais), a própria SBC é reconhecida pela qualidade de suas atividades e pela representatividade de suas posições. Para isto, certamente muito contribuiu o grande crescimento da SBC nos últimos dez a quinze anos, multiplicando seus sócios, seus eventos, seus interesses, suas atividades.

Sabendo-se que a Computação permeia hoje a quase totalidade das demais áreas da Ciência e da Tecnologia, e que isto se acentuará ainda mais no futuro, a SBC tem um papel extraordinariamente importante para o país. Suas posições precisam ser ouvidas na formulação das políticas apropriadas de desenvolvimento científico e tecnológico e de formação de recursos humanos. Uma maior aproximação com a SBPC, iniciada há poucos anos mas ainda tímida, é um fator essencial para que a SBC passe a ter sua voz mais ouvida junto a diversos segmentos sociais. As posições da SBC precisam ser legítimas, realmente institucionais, definidas em discussões através dos fóruns adequados e da adequada interlocução com os parceiros sociais, o que dará a elas a representatividade necessária junto ao restante da sociedade. Consolidar e ampliar uma atuação política institucional e efetivamente representativa em questões que estão diretamente relacionadas com o futuro

do país, fortalecida por uma crescente interlocução com o restante da sociedade, é talvez um dos maiores desafios que se colocam à frente da SBC nos próximos anos.

4. A evolução no período 1993-1999

Já ao longo da década de 90, nas gestões anteriores à minha Presidência, e das quais também participei como membro da diretoria, a SBC vinha fazendo um grande esforço de organização em torno de dois eixos principais: a institucionalização e a capilarização.

No eixo da institucionalização, eu cito dois esforços principais. Em primeiro lugar, foi feito grande esforço para que a SBC passasse a ter uma atitude pró-ativa e reconhecida junto a diversos agentes da sociedade, especialmente ministérios (MEC e MCT), agências de fomento (CNPq, CAPES, FINEP) e outras sociedades (SBPC), mudando uma situação na qual a ação política da SBC era esparsa e devida a contatos pessoais de pesquisadores experientes da comunidade, o que não trazia o fortalecimento e o reconhecimento institucional da SBC.

Em segundo lugar, houve grande esforço para a organização interna da própria SBC. Até o início da década de 90, a Diretoria e o Conselho da SBC tinham escassa interação com as Comissões Especiais, que atuavam como grupos bastante independentes. A sede da SBC dava apoio apenas ao trabalho da Diretoria, com escassa interação com as demais instâncias da sociedade (organizadores de eventos, Comissões Especiais, Secretarias Regionais, Delegacias Institucionais).

Ao final da década de 90, já tínhamos avançado para alterar esta situação. Além disto, ao final da gestão anterior, no primeiro semestre de 99, a sede da SBC foi formalmente transferida do Rio de Janeiro para Porto Alegre, onde tínhamos condições de oferecer um apoio muito melhor, inclusive em termos de área física, graças ao suporte do Instituto de Informática da UFRGS, suporte este que continua e tem avançado.

No eixo da capilarização, eu cito três grandes ações. Em primeiro lugar, as Secretarias Regionais e Delegacias Institucionais eram poucas e tinham raras atividades. Fez-se um grande esforço visando o aumento do número de Secretarias Regionais e Delegacias Institucionais e o incremento suas atividades, além de aproximá-las da Diretoria. Isto começou a expandir enormemente a SBC em direção a outros centros e em direção a cidades menores.

Em segundo lugar, como já analisado anteriormente, houve um enorme crescimento da relevância da Comissão de Educação e dos eventos a ela associados – o WEI (criado em 94) e o Curso de Qualidade (criado em 99). Na segunda metade da década de 90, a SBC passou a ter um papel muito importante na discussão dos currículos de cursos, inclusive com ativo papel político junto ao MEC. Esta ação trouxe para junto da SBC uma grande quantidade de professores e coordenadores de cursos de graduação.

Finalmente, lembro novamente que, também em 1999, o Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação foi formalizado como uma instância da SBC, atuando sob a Comissão de Educação, assim colocando a SBC no centro das discussões sobre pós-graduação no país.

Como Secretário-Geral entre 1995 e 1997 e como Vice-Presidente entre 1997 e 1999, tive a felicidade de poder exercer um papel bastante ativo nestes avanços da SBC,

ocorridos nos anos imediatamente anteriores a meus mandatos na presidência e que criaram o ambiente adequado para que, em minhas gestões, pudéssemos avançar ainda mais nestas direções.

5. A evolução no período 1999-2003

Na continuidade natural de um movimento que vinha sendo feito nos anos anteriores, a grande meta das minhas duas gestões na Presidência, no período de 1999 a 2003, foi a expansão e consolidação da SBC em todas as suas dimensões:

- no reconhecimento institucional, perante a própria comunidade nacional de Computação e perante os demais agentes sociais;
- na organização interna, através da atuação coordenada entre a Diretoria e todas as demais instâncias da SBC (Comissão de Educação, Comissões Especiais, organizadores de eventos, Secretarias Regionais, Delegacias Institucionais, Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação); cite-se também o fato de que os coordenadores de Comissões Especiais e os Secretários Regionais passaram a se reunir anualmente com a Diretoria durante os congressos anuais da SBC;
- no fortalecimento da sede, que passou de dois para oito funcionários, com especialização de funções para gerenciamento de diversas funções que a sede começou a assumir, e passou a apoiar de maneira intensa as ações de todas as instâncias da SBC; cite-se por exemplo o surgimento do software para inscrição em eventos e do JEMS (software para gerenciamento da programação técnica de eventos), assim como o muito forte envolvimento da sede no apoio à organização de todos os simpósios das Comissões Especiais, inclusive assumindo diversas tarefas;
- na capilarização, pelo aumento significativo das Delegacias Institucionais, que passaram de poucas dezenas a mais de 150, espalhadas em quase todos os estados do país;
- na divulgação, com a criação do Computação Brasil e a contratação de uma jornalista como funcionária da SBC para sua elaboração.

A Diretoria e a sede passaram a ter uma atuação muito mais próxima da Comissão Organizadora do congresso anual da SBC. Em 2000, criamos um "caderno de encargos" do congresso, com uma clara divisão de responsabilidades entre Diretoria/sede e Comissão Organizadora. Começamos a atuar fortemente junto à Comissão Organizadora ao longo de todo o período de preparação do congresso, garantindo uma "memória" sobre sua organização, repassada de um ano para o outro. Esta ação acabou se consolidando pela criação do Comitê Gestor do congresso, já na gestão da Profa. Claudia Bauzer Medeiros.

O número de sócios, que era de poucas centenas no início da década de 90 e vinha crescendo aos poucos, atingiu um patamar de mais de 3500 pessoas, mantido desde então. Também houve um aumento expressivo no número de sócios institucionais, que passaram de alguns poucos quites com suas anuidades para quase uma centena.

Em função da relevância e urgência do assunto, foi criada em minha primeira gestão uma Diretoria Extraordinária para a Regulamentação da Profissão. Graças especialmente ao

XXXVIII Seminário de Computação na Universidade

trabalho do Prof. Roberto Bigonha, esta Diretoria teve uma ação política forte e eficaz, que culminou com a elaboração de Projeto de Lei submetido ao Congresso Nacional.

Também em minha primeira gestão foi criada uma Diretoria Extraordinária para Eventos Especiais que, comandada pelo Prof. Ricardo Anido, assumiu a supervisão institucional da Olimpíada de Informática (coordenada pelo próprio Prof. Anido e cuja realização foi iniciada no Brasil por inspiração do Prof. Ricardo Reis) e da Maratona de Programação (coordenada pelo Prof. Carlos Eduardo Ferreira), eventos que também em muito ampliaram a visibilidade e capilaridade da SBC.

De uma sociedade com poucos laços internos e com pouca visibilidade e representatividade, creio que conseguimos levar a SBC a um patamar bastante distinto, no volume de sócios e de atividades, na organização interna e na representatividade perante toda a comunidade de ensino e pesquisa de Computação e a sociedade em geral.

6. Os desafios futuros

Creio que a SBC, durante minhas duas gestões na Presidência, não deixou de atacar nenhum dos desafios que se colocavam a sua frente. Certamente um grande desafio que se colocava era o avanço em todas as múltiplas dimensões de atuação da sociedade. Não ficou nenhuma frustração por algum objetivo em direção ao qual não tenhamos avançado de forma significativa. Ficou certamente um desafio para as gestões seguintes: manter as conquistas alcançadas e aprofundá-las em todas as direções, de forma harmônica e equilibrada, o que não é fácil tendo em vista a complexidade que a SBC atingiu e as múltiplas responsabilidades que foram assumidas pela sede e pela Diretoria na organização e acompanhamento de uma enorme quantidade de atividades científicas, educacionais e políticas. Mas tenho a certeza e a tranqüilidade que as gestões da Profa. Cláudia Bauzer Medeiros e a atual gestão do Prof. José Carlos Maldonado conseguiram enfrentar à altura este desafio.

Um desafio que ainda se coloca para a SBC é a aproximação com os setores industrial e de serviços. Afora patrocínios para eventos e algumas participações de empresários nas edições do Computec (criado em 1999 e mantido desde então), a SBC tem escassa interação com empresas, empresários, entidades empresariais e profissionais que atuam em empresas. Raros são os sócios que não estão vinculados a universidades. Os sócios estudantes, em sua quase totalidade, deixam a SBC ao concluírem a universidade e seguem para o mercado de trabalho.

Apesar de esforços durante minhas duas gestões e em outras gestões, os avanços para alterar esta situação foram muito tímidos. Esta situação perdura até hoje. A verdade, no entanto, é que a SBC nunca colocou esta questão como realmente essencial em sua atuação, pelo menos nas duas últimas décadas. A SBC continua sendo uma sociedade com forte viés acadêmico, o que obviamente faz parte de seu DNA e de sua missão estatutária, mas ela certamente deveria ter uma aproximação muito maior com o setor produtivo. A SBC já teve um papel político extremamente relevante entre os finais das décadas de 70 e 80, quando muito se discutia o "modelo de reserva de mercado". Isto a tornou, na época, um parceiro muito forte de empresas sediadas no país. Esta ligação se perdeu em grande parte.

É provável que a aproximação com os setores produtivos volte a se tornar um requisito muito importante para o sucesso da SBC em sua missão de defesa do desenvolvimento científico e tecnológico do país, pois espera-se que, como resultado de esforços governamentais dos últimos anos, o Brasil passe a contar com uma atividade de P&D bastante forte em empresas e centros de pesquisa, ao contrário do que hoje ocorre, onde a inovação está concentrada praticamente apenas nas universidades. A SBC precisará ter uma forte interação com os agentes envolvidos nesta atividade de P&D que estará colocada fora das universidades. E, talvez, a SBC precise oferecer serviços que efetivamente atraiam a atenção de empresas, empresários e profissionais externos às universidades, o que hoje ocorre de forma excessivamente tímida. E isto precisará ser feito sem que a SBC perca sua identidade e sua missão.

7. Conclusões

A SBC é uma sociedade multifacetada, que reúne interesses de públicos diferentes (professores, pesquisadores, estudantes de graduação e de pós-graduação, gestores universitários) e que procura oferecer uma ampla gama de atividades para atender estes públicos. Seu crescimento nos últimos quinze anos foi notável, tanto no lado institucional, considerando seu grau de organização e seu relacionamento com seus públicos internos e com a sociedade, como no lado da capilarização, com enorme aumento e diversificação de atividades. A sede da SBC tem uma atuação exemplar, oferecendo serviços de qualidade aos diretores, sócios, secretários regionais, delegados institucionais e organizadores de eventos e de outras atividades.

Talvez a SBC precise ainda discutir qual será seu papel num cenário futuro que é desejado por todos, onde exista uma forte atividade de pesquisa inovadora em centros de pesquisa e empresas, fora do ambiente universitário. Será que a atual oferta de atividades e as atuais posições políticas serão adequadas neste novo contexto ou precisarão ser ampliadas e mesmo revisadas? Tenho certeza que, mantendo a mesma vitalidade e o esforço voluntário de seus muitos sócios, a SBC saberá estar à altura destes novos tempos, para os quais sua contribuição foi muito importante, como grande promotora e defensora do desenvolvimento científico e tecnológico do país.